

Senhor das câmeras e do microfone

Alcides Campolongo

Márcio Tonetti

O que se pode dizer de alguém que guarda num arquivo pessoal todos os scripts, de todos os programas que realizou? E não foram poucos. Só na televisão, 47 anos de trabalho. Alcides Campolongo deixou o ofício de alfaiate em São Carlos, interior paulista, e migrou para a área pastoral. Estudou até arqueologia, mas parou na comunicação. Ele fez história na tevê brasileira como apresentador do primeiro programa religioso da televisão de que se tem notícia no País: Fé Para Hoje.

A estreia do programa na TV Tupi Canal 4 está guardada em preto e branco na memória de Campolongo. A primeira edição foi ao ar em 25 de novembro de 1962. A televisão, nesta época, era um experimento novo não só no Brasil, mas na América Latina. Aparelhos de tevê não passavam de caixotes de madeira que projetavam imagens em baixa resolução. Os programas eram amadores e feitos em sua grande maioria por profissionais do rádio.

Campolongo também já havia atuado no rádio. A voz grave, típica dos locutores da época, ficou conhecida nas Rádios Marconi, Difusora, Piratininga e Mulher, que também veicularam o “Faith for Today”, versão brasileira do Fé Para Hoje. Na Rádio Mulher, por exemplo, o programa durou 20 anos.

Motivado, contudo, mais por uma necessidade financeira do que puramente por uma preferência pessoal, o comunicador migrou

para a tevê. “Conseguir recursos para manter programas na televisão e no rádio ao mesmo tempo era difícil, ainda mais em São Paulo, onde os preços eram os mais altos do País. Nós tínhamos que escolher um dos dois. Ficamos com a tevê”, conta.

A despeito da facilidade de se expressar diante de grandes plateias, devido às séries de evangelismo público que ministrava, Campolongo precisou aprender como se portar diante das câmeras e também a conquistar a simpatia dos telespectadores, além de superar, é claro, o nervosismo por estar diante de uma nova mídia. Geraldo Vietre foi seu professor. O diretor artístico da TV Tupi, um dos maiores novelistas da década de 1960 no Brasil, sugeriu que atores famosos na época, participassem de dramatizações a fim de aumentar a audiência do Fé Para Hoje. Vida Alves, Clenira Michel, João Monteiro e Tony Ramos, que iniciava a carreira artística, foram alguns dos nomes que chamaram a atenção do público do programa com encenações de histórias bíblicas e principalmente de temas relacionados à família. “O público gostava porque eles atuavam muito bem. Só que o trabalho desses atores não estava incluído na mensalidade. A tevê cobrava à parte o cachê deles, que era muito caro. Fizemos isso durante três anos”, recorda.

Outras emissoras

Com a cassação da TV Tupi pelo governo federal, em 1980, o apresentador se obrigou a buscar outras emissoras e patrocinadores a fim de manter o Fé Para Hoje no ar. Embora com abrangência menor – apenas para o interior paulista – as gravações passaram a ser transmitidas pela TV Morada do Sol, de Araraquara. Em 1984, o programa migrou para a Record, mas, paralelamente, Campolongo se apresentava também diariamente na Bandeirantes, de segunda à sexta durante um minuto. Pela TV Gazeta, o programa só foi veiculado a partir de 1987.

Nesse período, contudo, as filmagens não eram feitas em São Paulo. O “âncora” viajava toda semana para Curitiba, onde realizava as gravações juntamente com a equipe da Voz da Profecia. Durante cinco

anos, Campolongo fez este trajeto de ônibus. Além disso, cerca de 40 edições do Fé Para Hoje chegaram a ser gravadas por ele em países como Israel, Síria, Líbano e Egito. Com isso, o programa ganhou corpo. “O povo foi vendo que a gente apresentava um material de primeira qualidade e de interesse público”, enfatiza. “A nossa audiência nunca baixou de um ponto no Ibope”, complementa.

Uma pesquisa publicada na edição número 95 da Revista Imprensa classificou o Fé Para Hoje como o programa religioso mais assistido da TV Gazeta em meados da década de 1990. De acordo com o levantamento feito pelo Ibope, 24 mil aparelhos estavam sintonizados no programa.

O carisma e a boa comunicação do apresentador contribuíram para que se alcançasse este índice. Alcides Campolongo recebeu cartas até de autoridades judiciais, como foi o caso do desembargador do Tribunal de Justiça de São Paulo, Adriano Marrey:

Ouvi hoje, ocasionalmente, o programa Fé para Hoje, a cargo de um ministro religioso, que desde logo se percebe seja um espírito profundamente cristão, dotado de notável cultura, e que se tornou admirável pela maneira comovente com que se refere à figura de Jesus... Foi um momento feliz, este de estar ouvindo um desconhecido e simpático ministro religioso – não pregador, porque não estava fazendo sermão. Vou me tornar fã desse precioso programa. Terei, assim, a possibilidade de aproximar-me diretamente de Jesus. Muito obrigado pelo conforto que me proporcionou o programa Fé para Hoje.

Impresso e RP

O gosto e, sobretudo, a habilidade como comunicador é algo que Alcides Campolongo conquistou ao longo dos anos. Além de atuar no rádio e na tevê, ele trabalhou em departamentos de comunicação da Igreja Adventista, quando o setor ainda era chamado de Relações Públicas, Temperança e Rádio e TV. Face ao bom relacionamento que

manteve com a imprensa, a Igreja virou notícia em muitas ocasiões. Em 1992, a jornalista Margarida Izar, que participou das primeiras reuniões para a fundação do Sindicato dos Jornalistas de São Paulo, acompanhou durante uma semana o trabalho de assistência médica realizado pela Lancha Luminar II nas comunidades às margens do Rio São Francisco. A repórter publicou reportagem no Diário de S.Paulo sobre o assunto.

Neste mesmo jornal, Campolongo escreveu durante dez anos. Todos os artigos estão guardados a sete chaves. Ele ainda lembra o assunto do primeiro texto deixado na redação do Diário, na Rua Sete de Abril, Centro de São Paulo, em maio de 1959. “Fiz amizade com o redator-chefe do jornal e levei um artigo que falava sobre o Dia das Mães. Ele gostou do artigo e disse que eu poderia continuar escrevendo toda semana. Fazia os textos e entregava para o Diário de S.Paulo na sexta. A publicação acontecia, então, todo domingo”, explica.

O compromisso e a competência lhe abriram muitas portas. Tanto, que a direção do impresso da capital lhe indicou à Associação Paulista de Imprensa. A carta de recomendação, que o qualificava como alguém que tem “pendores para a escrita”, lhe garantiu a carteira de jornalista.

O apresentador do primeiro programa religioso da tevê brasileira também foi destaque em matérias publicadas por veículos importantes do País. O caderno “TV Folha”, na edição de 10 de setembro de 2000, trouxe reportagem especial onde ele foi citado.

Apesar da idade, Campolongo não pensa em parar. Aos 83 anos, ele tem pelo menos três objetivos: um deles é lançar o Fé Para Hoje na TV NET; o outro, retomar o programa na Rádio Mulher. O último projeto é o mais difícil: transformar a sua história em livro. Ele vai ter muita história para contar.

Márcio Tonetti, graduado em Jornalismo pelo Unasp, obteve a Especialização em Docência Universitária e é assessor de comunicação da Igreja Adventista em Porto Alegre. Ex-editor-chefe do Valor Regional, em Guarapuava (PR), no Unasp foi professor do curso de Jornalismo e diretor de Redação da ABJ. Além de repórter da CBN Mogi-Mirim, Tonetti ancorou o principal programa jornalístico da Rádio Unasp FM.